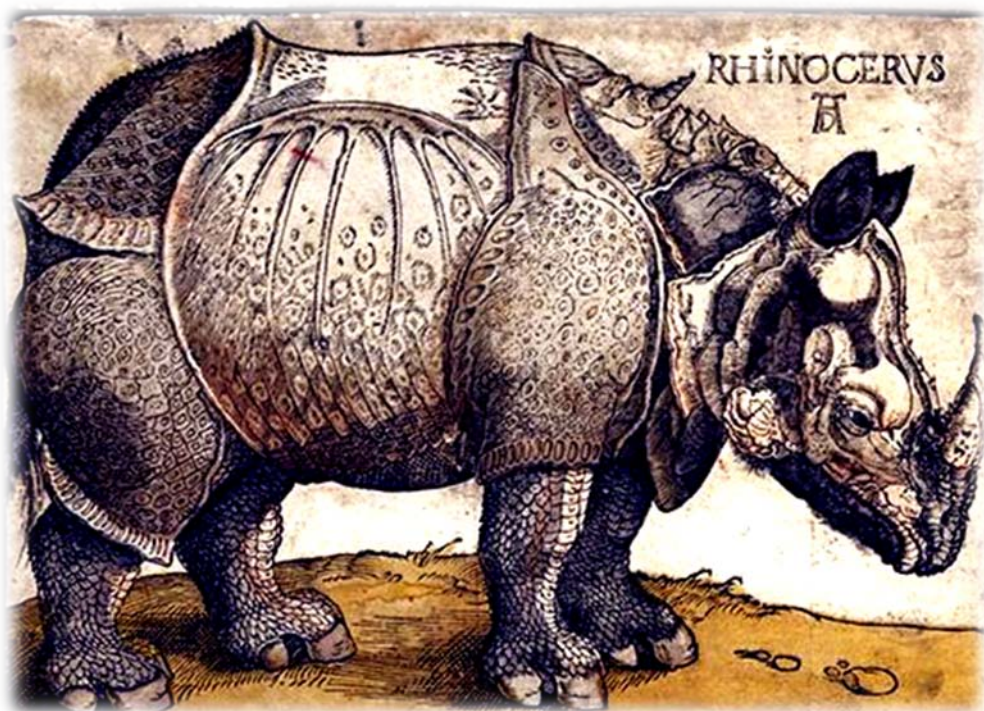




Rinoceronte em Cápsula



Rafael Puertas de Miranda

Poesias



Rinoceronte em Cápsula

Rafael Puertas de Miranda

Poesias

Rinoceronte em Cápsula – Versão Digital
Rafael Puertas de Miranda

© Rafael Puertas de Miranda

Projeto Gráfico e Revisão
Rafael Puertas de Miranda

Imagem de Capa
Rhinceros of Albrect Dürer (1471-1528).

Ilustrações
Clipping Net

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Miranda, Rafael Puertas de., 1980.

Rinoceronte em Cápsula , 1ª Edição (Versão Digital)/ Rafael Puertas de Miranda. – Mogi das Cruzes: s.n., 2010.

ISBN:

1. Poesia brasileira.

CDD – B869.91

Índice para catálogo sistemático:

1. Poesia: Literatura brasileira B869.91

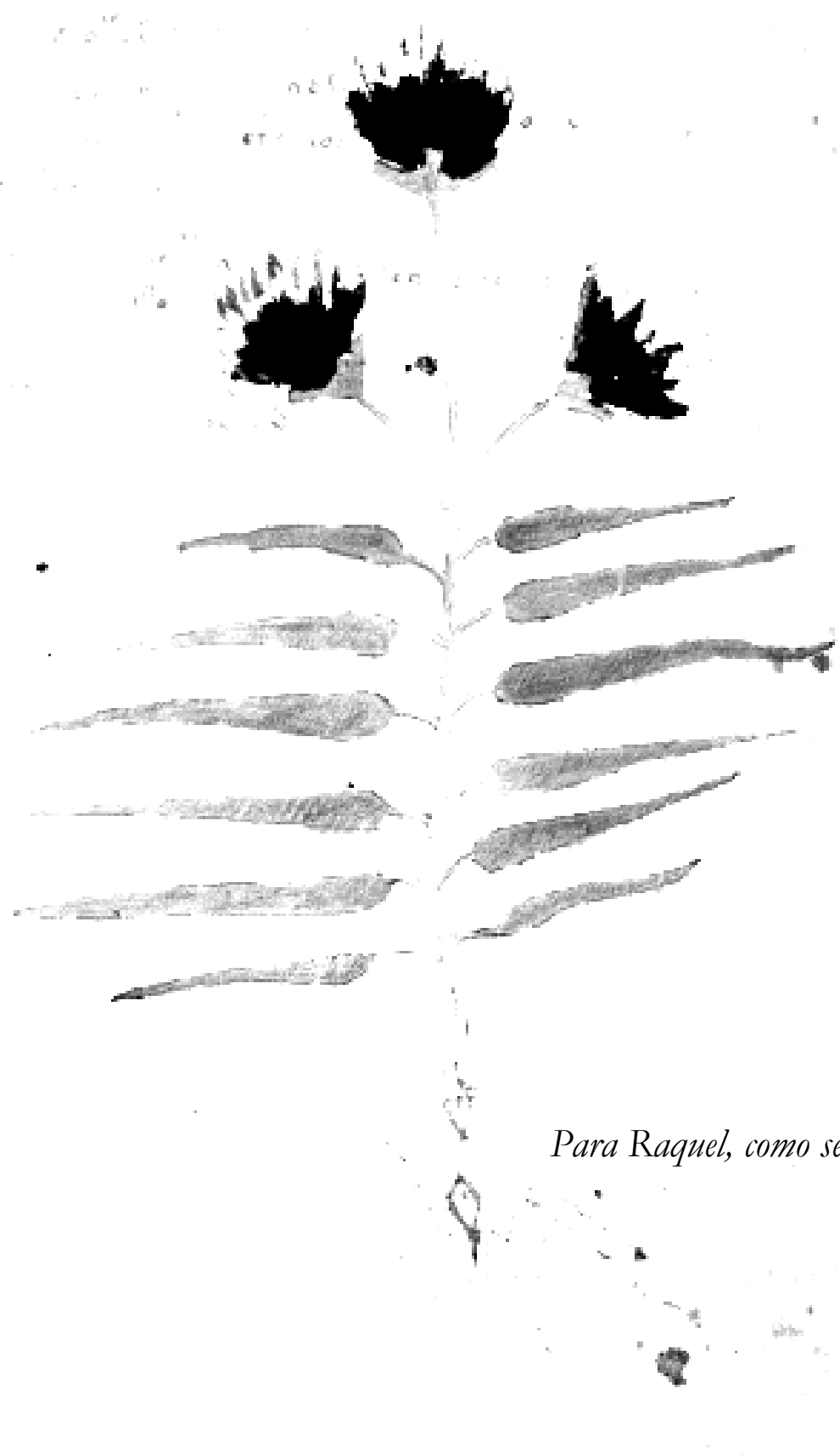


[2010]

1ª Edição

Todos direitos desta edição digital reservados à
RAFAEL PUERTAS DE MIRANDA

prof_rafaelpuertas@yahoo.com.br



Para Raquel, como se dissesse ar.

Perdurabo

Cavaleiro da branca rosa,
tua sombra é pedra
e romanceiro, sina
da seta sangue
que se aproxima.

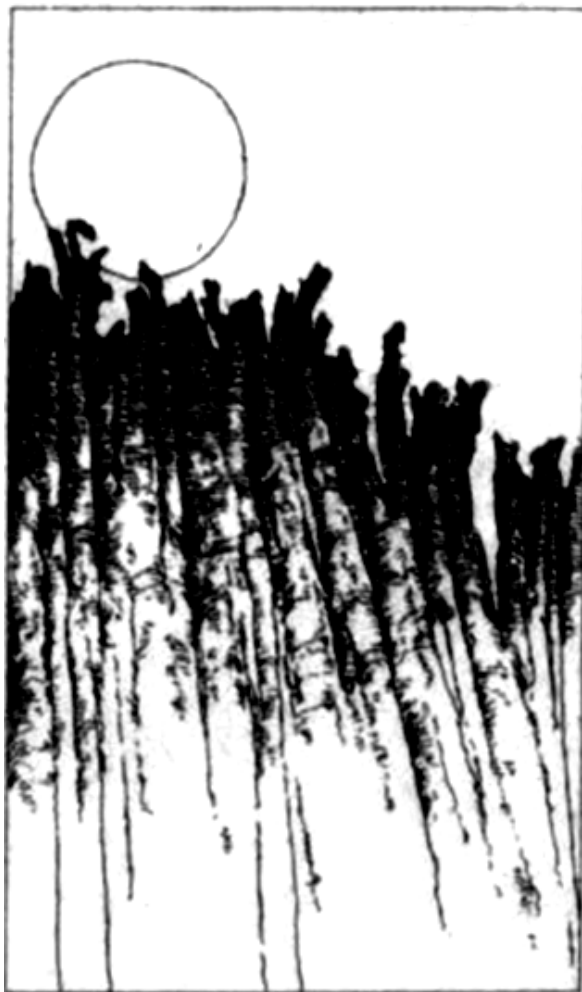
Fecha o cenho,
dá mão a linha
e curva-te logo,
que o Sol tão cedo
não descaminha.

Nigredo lenho;
o que perdura.
Com o emblema, cala,
com a boca, rinha,
com a espada, cura.

A chaga sela
a agonia.
Sem desconcerto,
forjaste agora
a tua insígnia.

Acácia nova
enxerga o dia.
Ermida certa,
o teu início
é tua via.

Aperta o passo,
o arco o guia.
Centauro cálice,
não tarda a hora
que te confia.



Inauditos

Tampouco suspeito,
primeiro,
o pregado desgosto.
Porque quem se perde,
nota.



Delgada sombra entorta
o que percebo e,
metade morto,
até o avesso roto importa.

Impedido, toco palavra
inerte,
sabendo fundo
o abismo inaudito que me olha.

A quem compete o esquecimento,
já que a chuva viva molha?

A boca podre cheia
complicação desbota,
quando remédio algum resolveu
minha demora.

Afundo ainda,
bebendo do copo que me sufoca,
seco tato em parede nua
premeditando escora.

A roupa no varal já vomitou a hora.

Suspenso, o meu riso insano
hoje celebrará faz tempo
o pouco do muito que me suporta.

Palco da noite

Lá vem a neblina,
pairando sombria,
véu ancião.

A luz adormece,
teimosa e vadia;
do poste, oração.

O risco perdido,
socorro ou abrigo,
passagem em vão.

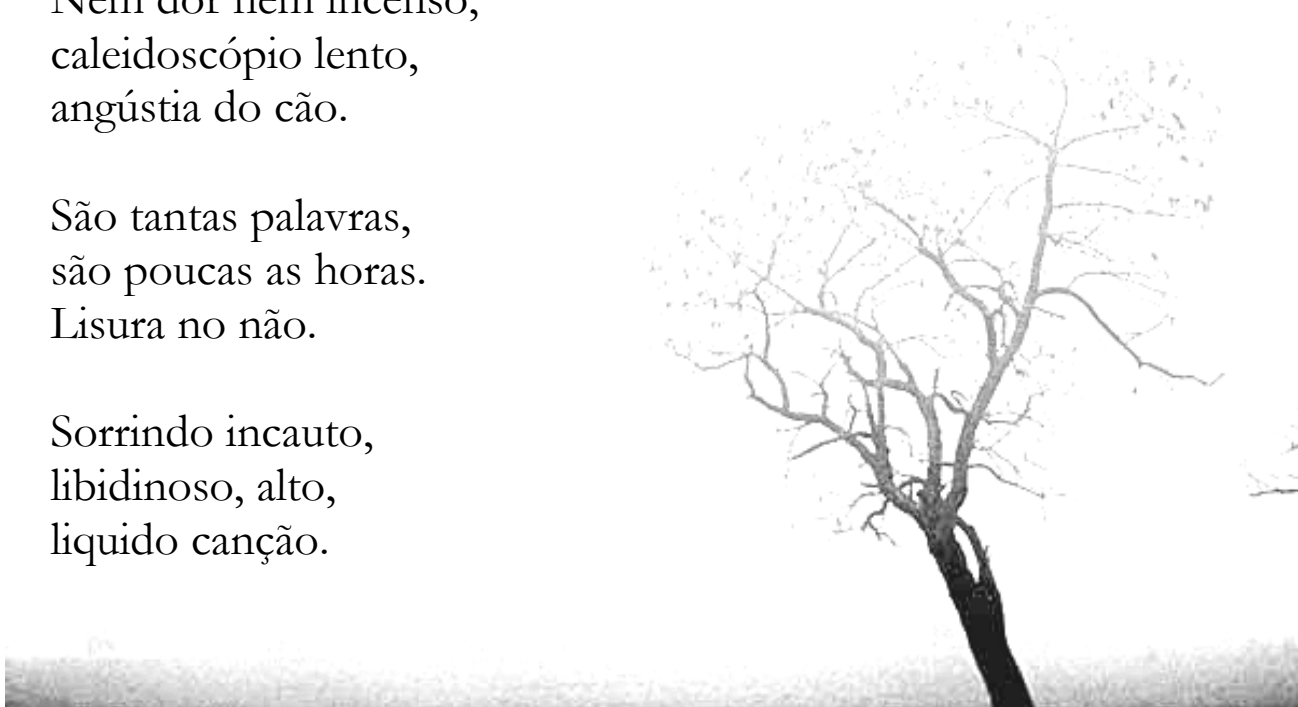
O gume da faca,
a língua desfila,
avesso do chão.

Suado e tranquilo,
rasgado silêncio
já é procissão.

Nem dor nem incenso,
caleidoscópio lento,
angústia do cão.

São tantas palavras,
são poucas as horas.
Lisura no não.

Sorrindo incauto,
libidinoso, alto,
liquido canção.



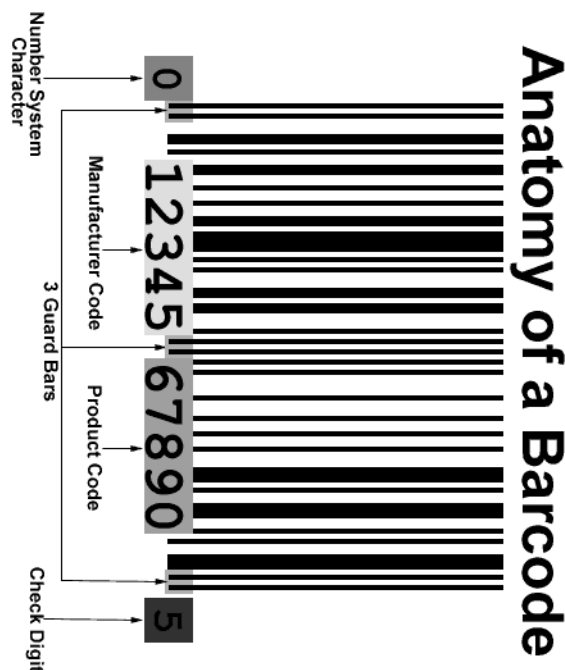
Mercadoria

Nestas eras de sonhos mortos,
só quimeras enlatadas
animam parcialmente
espíritos duvidosos e
vazios, produtos.

Todos são cada vez menos,
mas as marcas ainda são as mesmas...

O tempo inexiste em ócio,
a carne é sabor angústia,
o carrasco é o ponteiro do relógio
e há recreio de bÍlis,
que mais ácidas,
derretem até a lógica.

E quando, iluminado pela lâmpada de Mercúrio,
encontro o meu cansado reflexo
em espelho sujo,
espumando saliva fria,
reclamo o rótulo
que me falta,
consumindo-me grátis,
mercadoria.



Poema publicado em Portugal:

*Jornal **Mudar de Vida** – nº 08. Lisboa, Junho de 2008, p. 15.*

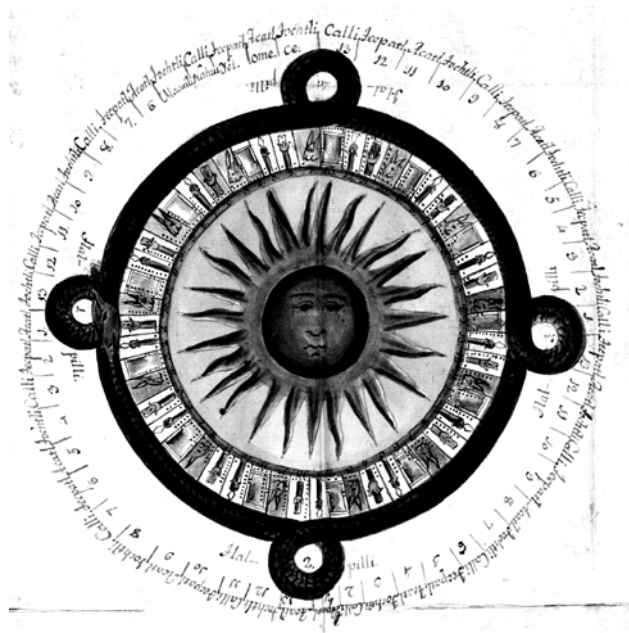
Poema publicado no Uruguai, Cuba, Chile e Argentina:

*Livro: **Letras Intimistas** (poemas y poemas en prosa)*

ISBN 978- 9974-8082-4-9/2007.

O Vaso Grego

O vaso grego
na estante
é o nada
vestindo velada
armadura frágil.
Cavalo de Tróia
e ventre do não,
a veste do oco.



Umze roum

À Carlos Drummond de Andrade

Download.
O homem baixou
ou foi o arquivo?

Dama da Noite

*"Guarda contigo este emblema
da flor do maracujá!"(...)*

Fagundes Varela

A tua mão
é a pluma
que me alumbra e,
não em vão, perfuma
a escuridão
de alguma tão
oculta estação.

Canção odor
que, doce, afunda
o breu da rua e
é talvez a muda
lamentação de flor
avesso nua,
treva, lua e desilusão.



par

a

mariposa

moça

pousa

beija

na flor

o seu amor

e o afeto no abeto

pela noite

ofusca o teto

sem cor

afinal, qual estrela,

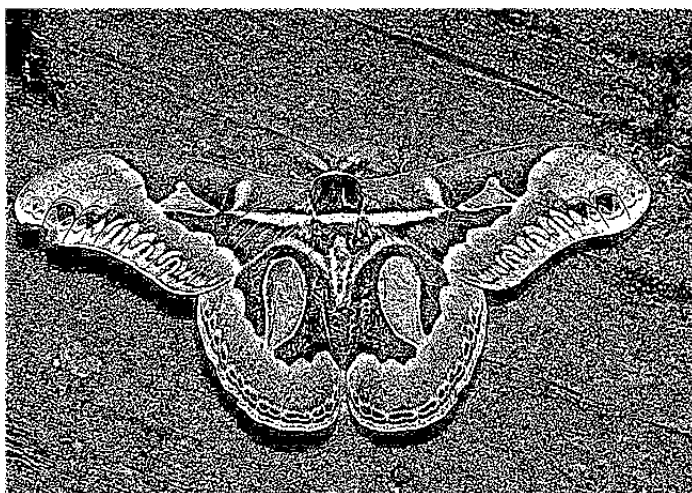
em um encontro

na mata, brilharia

muito

mais quente

?!!?



Noturno

Ando escuro na noute quieta...
No breu,
uma estrela singela
congela com a minha
melancolia nua.

A lua lume cheia e serena,
a sorrateira sereia cega,
signos sinistros
que não servem para mim.

.....

Sozinho,
as madrugadas são profusas trevas:
sem Verbo,
sem lágrimas,
sem grandes mentiras,
só friagem que vem de dentro
de ser-em-situação
soturna.



Helena

Guerra silenciosa,
colorida tinta,
emblema da treva distinta
e justificativa presa;
a beleza de Helena não finda,
cativa,
porque é ainda
Letra.



Entre Bares

Saborosos paraísos líquidos
regam desejos ancestrais.
Sem temperamentos pálidos,
és esquálido diante de tua sombra tênue.
Gama de riscos,
corpos,
copos,
medos interiores e
reflexos alucinados de seres,
o tempo todo,
vitoriosos.

Todos são verdades inventadas
nestas horas mortas que não passam,
pingam.

Êh, choro que não vem
e é dor,
ponta encravada no espírito teimoso e
ébrio que
só sorri,
só, sorri.



Linha

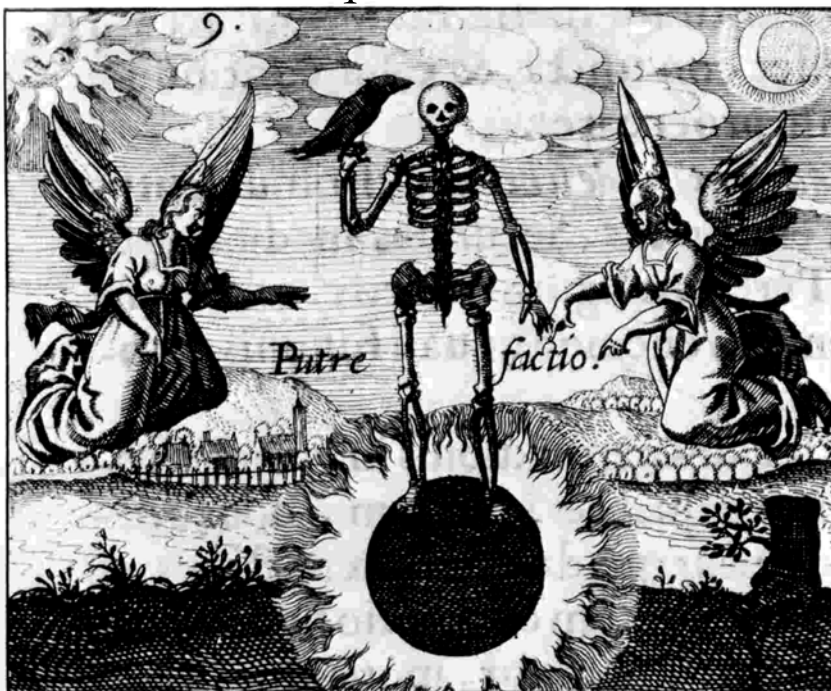
À Augusto dos Anjos

Sombras despertam a triste figura
que rói recentes entranhas desalmadas.
Contorcidas carcaças, nem bem enterradas,
palpitam com o viver de tal criatura.

E o silêncio, no abismo escavado,
só se faz novamente, quando o verme,
insistente e faminto, chega ao cerne
do pútrido alimento inanimado.

Certo, talvez, esta seja a resposta,
que incomoda qualquer homem e entorpe.
Quem, em sã consciência, aceita a aposta?

Vamos, camarada, desafie a Morte!
Deixarás a miséria, da alma oposta;
serás nada, e aqueles, a tua sorte.



Fluxo

Todos na cidade
são pressas,
são presas.
Mas uma flor
repousando na calçada fria
é um grito:
formaram um círculo e, inquietos,
devoravam-na com os olhos.
Uma gentil reverência.
Até que um transeunte funcional,
dado a engrenagens,
depositou a distração no lixo,
e, sem querer,
acabou com a náusea daquela manhã.
Era mais fácil não ser humano.



O buraco

Um dia, estúpido,
o buraco engoliu o meio da rua,
inimigo declarado da ordem e do
progresso,
negativo.
Era grande e mais que intratável,
espinho para dentro da terra.
Lembrava a cova de um Titã,
evocava a queda de um anjo torto.
Órfão e espetacular,
parou um país absurdo.
Foi fundo.



Ode ao Homem Moderno

Êia, homem moderno!

Perdido o corpo,
sobra a razão sangrenta e
uma caixa de remédio.
Tarja preta no rosto subalterno.

Êia, homem moderno!

Desinfetado, sujo,
e no descrédito,
rola a sarjeta,
prostituindo o tédio.

Êia, homem moderno!

Humildemente massa.
Escorrida, nem a hora passa.
Aqui onde tudo é engano,
desfila anestesiado sorriso terno.

Êia, homem moderno!

Filho do deustrabalho,
escravo do espetáculo,
mascando minutos em frente à TV,
ele enxerga, mas não vê.

Homem, cadê?



Poema Vírus

O poema vírus espreita.

Largo espectro,
pequena besta.

O poema vírus espreita.

A saliva espumosa
que a boca enfeita.

O poema vírus espreita.

Batalhas contínuas,
não há quem não as perca.

O poema vírus espreita.

No bico do corvo,
no focinho do porco,
no corpo que deita.

O poema vírus espreita.

No vetor voador,
na praga eleita.

O poema vírus espreita.

“O poema vírus, doutor, é valente?”

“Não senhor, é latente!”



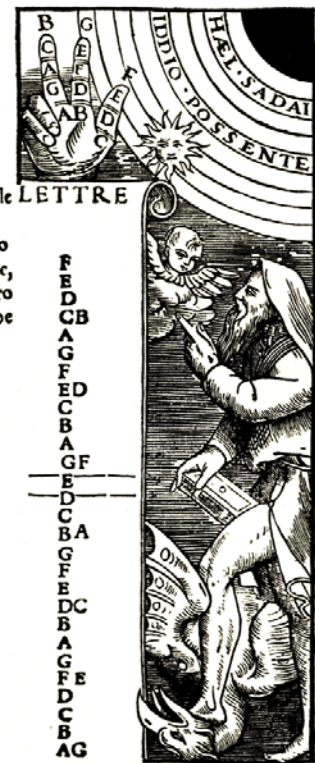
Olho

A noite estendia retina cansada,
 quando parda escreverência,
 beirando fobia,
 arrancou nas minhas mãos uma folha vadia
 e um lápis gemeu uma palavra.
 Era um olho, sombra sema abandonada
 no centro da cama branca.
 Só, pareceu-me, bastava
 e nenhum esforço lhe enredava irmandade;
 sinistro signo pairando sentidos espúrios.
 Muda, a crua eremita encheu-me de nojo e terror.
 Se um corvo, tocava-o pela treva à fora,
 indiferente, inclusive, a lamentos.
 Sendo grifo, escravizava-me com sua aparência esfíngica,
 o mistério.
 E porque dava por mim com trejeitos tirânicos, a estranha;
 num arroubo hostil, desespero febre,
 debilhei demoníaco leito paragem,
 fazendo-a, junta, broto partido
 e chuva sedenta na boca cruenta do lixo.
 Hoje, não mais a vejo.
 Decerto, anda por aí,
 perdida nos sussurros decadentes dos ridículos
 ou tirando o sono daqueles que ninam falsos soluços.

Scala delle LETTRE

Principio
 del ordine,
 & e número
 uno, cioè
 .F.

F
E
D
C
B
A
G
F
E
D
C
B
A
G
F
E
D
C
B
A
G
F
E
D
C
B
A
G



pilgiorno

Per tutti li
 do testamē
 ti ilerue q̃
 sto. B. D.
 F. A. C. E.
 G. al In
 giu, nelle
 computa
 tioni.

.1533.
 .1534.

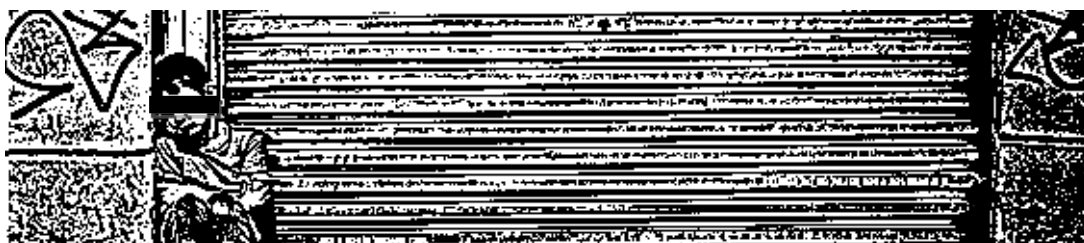
Sina Pequeninina

O Símbolo é a neve,
a criança importante na manjedeira,
a casinha com chaminé,
mas chovia gota grossa
e, no frio molhado,
os olhos de um menino,
como árvore luminosa,
brilhavam a falta.

Não há prece,
não há casa,
não há gente,
não há ceia farta,
tampouco o presente.
Só o menino pequeno,
no enorme egoísmo da noite;
papelão ignorado,
presépio do abandono.
Se Deus o protegia, não sei.
Tarefa demais para tanto.

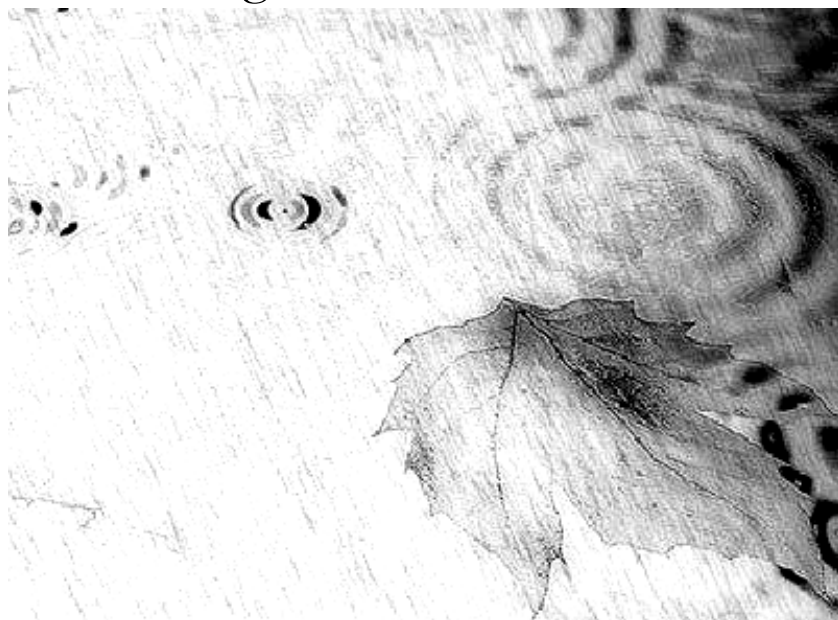
...

E, enquanto isso,
na prateleira da loja,
um Natal diferente estava à venda
e todo mundo acreditava.



Tarde

Vem. Não vem. Nuvem.
Sem pressa, o tempo teima chuva fina,
garoa esquina.
Oblíqua, a rua fica nua.
Gota perfuma a terra cansada e
o cheiro da espera
erra,
caçando saudade muda
nos olhos dependurados nas janelas.
Fingindo lusco-fusco,
fundo suspiro
embalando soluços.
Algures,
a folha caída dança a calçada,
rodopiando surda;
o som do nada.
Do oceano, nau encantada;
enquanto vela, sem lágrima,
a tarde.



Palavras finais

Este <*micro livro digital*> contém alguns de meus mais divulgados poemas. Decidi publicá-los e aí estão, nesta luz cápsula, teimando realidade. Alguns fazem parte do meu livro não lançado “*Azulejamenó*” por preguiça, outros integram antologias diversas e todos já foram publicados no meu BLOG de poesias, “*www.poesiaemcurso.zip.net*”. Espero que o leitor tenha gostado ou detestado, porque aqui não cabe meio. Dizia o outro que a poesia é um “inutensílio”. Permita-me emendá-lo, bigodudo, tecendo gracejo: a poesia é um “inutensílio indispensável”. Sai, então, dos garranchos de algum ordinário fingidor, ganhando o espaço, e vai pousar nas mãos de alguém que a completa, o outro; fazendo, assim, verso por verso, alguma tarde de outono ficar menos cinza (ou mais?); significado que não. Platão ficaria nervoso. Agradeço enormemente a todos que contribuem diretamente para o desenvolvimento de meu trabalho poético, dando-me ouvido e palavras de incentivo. E só.

Caso queira comentar o que foi posto, contatar-me pelo e-mail:
prof_rafaelpuertas@yahoo.com.br

Confira também:
www.oleitordesimesmo.blogspot.com

Evoé!





*Este livro foi confeccionado e digitalizado nas
Oficinas de Artes Gráficas do Invisível S.A.,
na rua da Alegria, barracão sem número,
Mogi das Cruzes,
em Novembro de 2010.*